

Não nascemos guerreiros.

Sobre os pressupostos psicossociais da pacificidade e da “aptidão para a guerra”

por Andreas Peglau^[1]



(Trata-se de uma tradução automática do [DeepL](#), que não foi verificada por mim. Peço desculpas pelas erros que certamente estão presentes.)

Desde que os seres humanos existem...

“Guerra é um conflito organizado e travado com o uso de meios consideráveis, armas e violência, no qual participam coletivos que agem de forma planejada. O objetivo dos coletivos envolvidos é impor seus interesses. [...] Os atos de violência que ocorrem nesse contexto atacam deliberadamente a integridade física dos indivíduos adversários, causando morte e ferimentos.” (Wikipedia)^[2]

O filósofo grego Heráclito (cerca de 520 a.C. – 460 a.C.) deixou-nos a seguinte frase: “A guerra é pai de todos.”^[3] Em 1642, o filósofo inglês Thomas Hobbes escreveu sobre a “guerra de todos contra todos” como estado original, como estado natural.^[4] Quase 300 anos depois, Sigmund Freud retomou outra

frase de Hobbes e afirmou: “O homem é um lobo para o homem”, uma “fera selvagem, que desconhece a piedade para com a sua própria espécie”, com base numa “hostilidade primária” – ou seja, pré-determinada, inata – “dos homens uns para com os outros”.^[5]

Se fosse assim, não precisaríamos nos preocupar com a origem das guerras ou com os interesses que elas defendem: isso estaria, de alguma forma, em nossos genes... Isso significaria também que as guerras seriam praticamente inevitáveis a longo prazo. E, se fossem evitadas, seria apenas ao preço de suprimir nossa verdadeira natureza, nossa “disposição”.

Ainda hoje, a tese da guerra como estado original, quase “natural”, é defendida. Dois exemplos: Em 2009, ao receber o Prêmio Nobel da Paz, Barack Obama, o presidente dos Estados Unidos responsável por mais dias de guerra do que todos os seus antecessores, declarou:^[6] “A guerra surgiu, de uma forma ou de outra, com o primeiro ser humano no mundo.”^[7]

No site do “Instituto do Futuro”, fundado pelo pesquisador de tendências Matthias Horx, podia-se ler em 2024: “Desde que os seres humanos existem, existem conflitos bélicos.”^[8] Aqui, acreditava-se até saber com certeza:

“As sociedades mais violentas são – ou foram – aquelas que tendemos a atribuir o adjetivo ‘pacíficas’. As sociedades de caçadores e coletores tinham as maiores taxas de homicídio e, na maioria das regiões do mundo, guerras tribais eram travadas sem fim. No estado natural primitivo, as pessoas pegavam o que podiam, os membros de outras tribos não eram considerados “nossos” e a inibição de matar era quase inexistente, especialmente em situações de escassez.”^[9]

Em comparação com esse “estado natural primitivo”, as democracias burguesas, onde a pobreza, a exploração, a opressão e o belicismo são regulamentados por lei, devem – ou deveriam – parecer uma pura salvação.

Viagem ao tempo primitivo

Vamos então dar uma olhada no estado atual dos conhecimentos sobre a evolução humana. Como na arqueologia, devido ao pequeno número de evidências, muitas vezes se recorre a suposições e “conclusões analógicas”^[10], grande parte das teses é controversa entre os próprios especialistas e uma única descoberta nova muitas vezes confunde o quadro, algumas das informações a seguir, especialmente as relativas a datações, têm apenas validade provisória. Espero que as conclusões que tirei tenham uma validade mais duradoura.

Atualmente, presume-se que a separação da linhagem que levou ao homem atual daquela que levou ao chimpanzé atual ocorreu há cerca de seis milhões de anos.^[11] A partir daí, surgiram seres relativamente semelhantes a macacos, também chamados de “pré-humanos”. Os “homens primitivos” e os “homens arcaicos” que se desenvolveram a partir deles, primeiros representantes da espécie “Homo”, são mencionados a partir de um período que remonta a dois a três milhões de anos atrás.^[12] Para o “homem anatomicamente moderno”, o Homo sapiens, foi comprovada até agora uma existência de cerca de 300.000 anos.^[13]

Existe consenso de que o uso do fogo contribuiu para o processo de humanização. Sobre isso, podemos ler no site “Planet Wissen”:^[14]

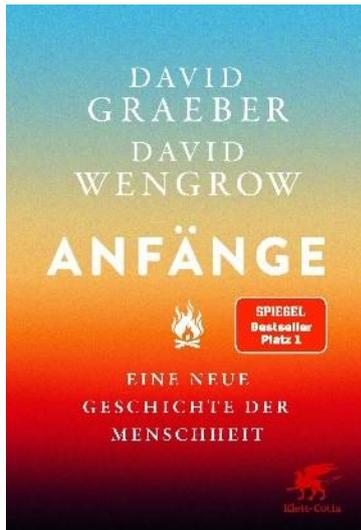
“Algumas descobertas indicam que nossos ancestrais [...] já utilizavam a força do fogo há cerca de 1,5 milhão de anos. No entanto, a questão de quando o homem conseguiu acender o fogo por conta própria ainda é muito discutida entre os pesquisadores. Muitos acreditam que isso foi possível para os neandertais com a ajuda de pedras de sílex há 40.000 anos.”

Se os números citados estiverem corretos, nossos ancestrais teriam lidado com o fogo por quase um milhão e meio de anos sem descobrir como fazê-lo por conta própria. Não é de surpreender que

outros cientistas, como o historiador James C. Scott, estimem uma data muito anterior para isso: cerca de 400.000 anos atrás.^[15]

400.000 ou 40.000 anos? Por trás dessa notável imprecisão de 360.000 anos, esconde-se um problema fundamental da pesquisa sobre nossos estágios iniciais de desenvolvimento: embora tenhamos muitas suposições sobre a maior parte do tempo de existência dos seres cada vez mais humanos, *sabemos* muito pouco.

Nenhuma afirmação representativa



No livro *Anfänge. Eine neue Geschichte der Menschheit* (Inícios. Uma nova história da humanidade), publicado em 2021, o antropólogo David Graeber e o arqueólogo David Wengrow resumem o estado atual da pesquisa. Eles escrevem: Para nossa pré-história,

“quase nenhum achado. Assim, há [...] milhares de anos em que os únicos vestígios disponíveis de atividades homínidas consistem em um único dente ou talvez algumas lascas de sílex. [...]

Como eram essas sociedades pré-humanas? Devemos pelo menos ser honestos e admitir que não temos a menor ideia. [...]

Em relação à maioria dos períodos, nem mesmo sabemos como os seres humanos eram constituídos abaixo da laringe, sem falar na pigmentação, na alimentação e em tudo o mais.”^[16]

Em 2024, o arqueólogo Harald Meller, o historiador Kai Michel e o biólogo evolucionista Carel van Schaik confirmaram: “Estamos lidando com um número insignificante de ossos humanos preservados.”^[17] Uma estimativa citada por eles chegou a 3.000 “restos mortais de Homo sapiens com mais de 10.000 anos”.^[18]

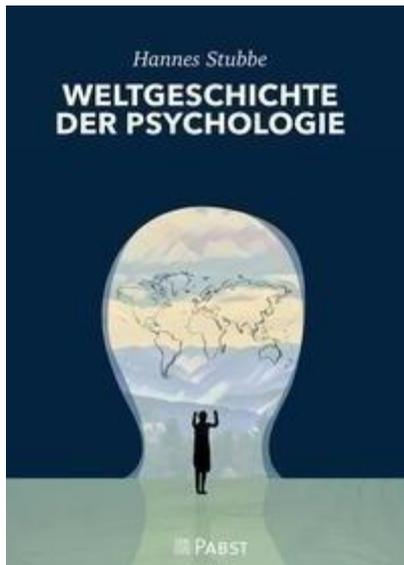
Para o número total de pré-humanos, humanos primitivos, humanos arcaicos e humanos modernos que povoaram a Terra até então, há uma estimativa – necessariamente altamente especulativa – de mais de sete bilhões.^[19] Como a população de seres semelhantes aos humanos aparentemente cresceu muito lentamente no início, a grande maioria deles pertencia ao grupo do Homo sapiens.^[20] De bilhões de indivíduos espalhados por meio mundo, restam alguns milhares de vestígios, dos quais cada vez menos podem ser encontrados com o passar do tempo: isso ilustra o quão frágil é *toda* conclusão generalizada sobre os primeiros seres humanos e os seres humanos primitivos. Não se pode dizer que partes de esqueletos de alguns poucos indivíduos sejam adequadas para fazer afirmações representativas sobre grandes grupos de seres humanos vivos.

Os dentes e ossos do crânio, que constituem a maior parte desses achados, não contêm informações sobre aspectos psicossociais, sobre a constituição mental e emocional de seus antigos proprietários. Portanto, também não revelam se eles eram belicosos ou pacíficos.

Os primeiros “testemunhos diretos do que hoje chamamos de ‘cultura’ remontam a não mais do que 100.000 anos”. E só há cerca de 50.000 anos que esses testemunhos começaram a se tornar mais frequentes.^[21]

No entanto, o Homo sapiens já existia há pelo menos 250.000 anos. Mas mesmo o que acreditamos saber sobre o estado mental, as motivações, os objetivos e os comportamentos sociais dos seres humanos nesses 250.000 anos baseia-se, com exceção dos últimos cinco milênios, quase exclusivamente em *suposições* mais ou menos plausíveis.

O quão provisórias são essas suposições ficou mais uma vez evidente com a notícia de 6 de junho de 2023 de que, há 200.000 anos, ancestrais semelhantes aos humanos já enterravam seus parentes. Até então, isso só era atribuído ao Neandertal e ao Homo sapiens – e isso apenas há 100.000 anos. Essas descobertas, segundo a notícia, “questionam o entendimento anterior da evolução humana,



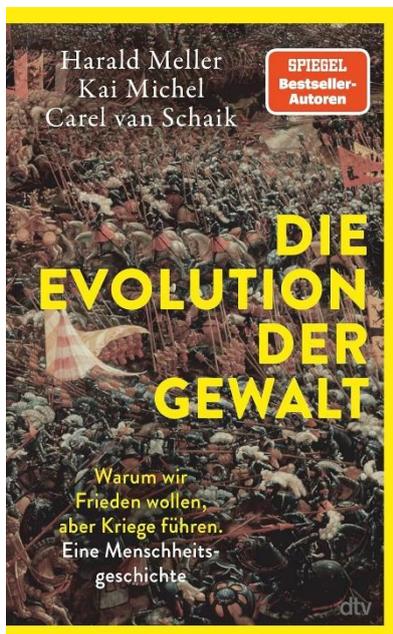
segundo o qual somente o desenvolvimento de cérebros maiores permitiu atividades complexas como o enterro dos mortos”.^[22]

Uma compilação compacta de descobertas arqueológicas anteriores e das suposições delas derivadas pode ser encontrada no livro *Weltgeschichte der Psychologie* (História Mundial da Psicologia), escrito pelo psicólogo e antropólogo Hannes Stubbe.^[23]

Cuidado em vez de assassinato

R. Brian Ferguson, outro antropólogo, examinou centenas de esqueletos de *Homo sapiens* com mais de 10.000 anos em vários locais para verificar se apresentavam danos causados por violência interpessoal. Resultado: isso ocorreu em apenas cerca de três dúzias deles. Ou seja, ele não encontrou evidências arqueológicas de guerra em um período anterior a 10.000 anos. Além disso, a violência não precisa ter sido exercida intencionalmente.^[24]

Na verdade, também existem indícios de atos de violência interpessoal na pré-história; o mais antigo data de cerca de 430.000 anos.^[25] Depois de examinar os três milhões de anos desde o surgimento da espécie *Homo* em seu livro *Die Evolution der Gewalt* (A evolução da violência), “sem deixar de lado nenhuma pista significativa”, Meller, Michel e van Schaik concluem: “Não há nem mesmo um punhado de evidências de homicídio intencional”.^[26]



Mas mesmo que essas mortes tenham sido assassinatos, o que nunca poderá ser esclarecido devido à falta de relatos de testemunhas oculares, um assassinato não é uma guerra. E um único assassino – sobre o qual, ao contrário da vítima, não há nenhuma informação disponível – não pode ser considerado representativo da população humana da época.

Harald Meller e seus coautores observam ainda:

“Se procuramos evidências pré-históricas de guerra, assassinato e homicídio, encontramos, em vez disso, indícios de cuidados e assistência. Os achados paleoarqueológicos atestam que os seres humanos ajudavam-se e apoiavam-se mutuamente, caso contrário, muitos ferimentos teriam sido equivalentes a uma sentença de morte.”

Como exemplo, eles citam um neandertal, também falecido há cerca de 430.000 anos, que “sofreu de uma série de doenças degenerativas, traumas, encurtamento do braço direito e provavelmente cegueira do olho esquerdo, além de perda auditiva grave”, mas mesmo assim atingiu uma idade de “quarenta a cinquenta anos” – o que só era possível com o “apoio diário” de seu grupo, incluindo tratamento de feridas.^[27]

Critérios para “guerra”

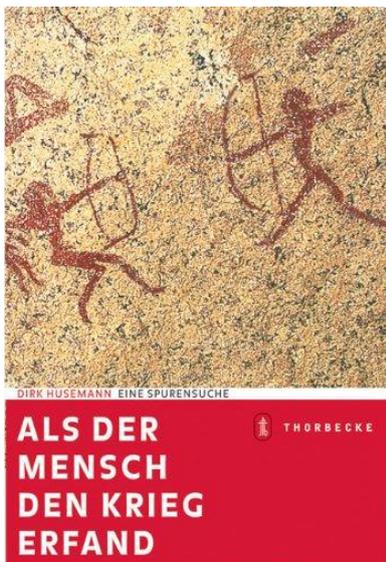
Além disso, nem todo exercício intencional de violência interpessoal, nem mesmo todo conflito travado com armas, é uma guerra. Consultando novamente a Wikipedia:

“Um desafio fundamental na tipificação das guerras é a questão de quando uma guerra pode ser designada como tal. Na análise política e científica, frequentemente se distingue entre conflito armado e guerra. Considera-se conflito armado um confronto armado esporádico, mais aleatório e sem motivação estratégica entre partes beligerantes.”^[28]

Em “grandes projetos de pesquisa”, continua o artigo, “a medida de 1.000 mortos por ano é considerada um indicador aproximado de que um conflito armado está se transformando em guerra”. Outras “definições de guerra” exigiam, além disso, “um mínimo de planejamento e organização contínuos por parte de pelo menos um dos adversários” ou “que pelo menos uma das partes em conflito fosse um Estado que participasse do conflito com suas forças armadas”.^[29]

Um achado considerado por muito tempo como a prova mais antiga de um conflito bélico satisfazia, na melhor das hipóteses, apenas parcialmente os critérios acima mencionados. R. Brian Ferguson relata sobre a escavação realizada no atual Sudão:

“Este cemitério, conhecido como sítio arqueológico 117, foi descoberto em meados da década de 1960 durante uma expedição liderada por Fred Wendorf, arqueólogo da Southern Methodist University em Dallas, Texas, e tem, segundo estimativas aproximadas, entre 12.000 e 14.000 anos. Ele continha 59 esqueletos bem preservados, 24 dos quais foram encontrados em estreita conexão com pedaços de pedra que foram interpretados como partes de projéteis.”^[30]



Até agora, foram encontrados 61 mortos de diferentes idades e ambos os sexos; 41 esqueletos apresentam ferimentos.^[31] No entanto, não foi possível determinar se esses mortos foram enterrados ao mesmo tempo ou ao longo de vários anos. Em seu livro *Als der Mensch den Krieg erfand* (Quando o homem inventou a guerra), o pré-historiador Dirk Husemann refere que Fred Wendorf descobriu “nas proximidades outro cemitério da mesma época” no qual “não havia um único morto com ferimentos”. Por isso, considerou-se possível que no sítio arqueológico 117 tivessem sido enterrados intencionalmente “apenas aqueles que morreram de morte violenta”.^[32] Entretanto, descobriu-se que “muitas dessas pessoas apresentavam ferimentos” – na maioria causados por flechas ou lanças – “que já estavam cicatrizados no momento da morte”;^[33] isso afetava três quartos dos adultos.

A conclusão de Dirk Husemann parece, portanto, correta: um massacre é “excluído”.^[34]

No entanto, essas descobertas comprovam “violência interpessoal recorrente”.^[35]

5,988 milhões de anos sem evidências de guerra

Mas mesmo que, apesar da total falta de conhecimento sobre as circunstâncias, quiséssemos classificar as lesões e mortes ocorridas há cerca de 12.000 anos no Sudão como sinais de guerra, isso significaria que, partindo de seis milhões de anos de existência humana, não há evidências de guerra durante 5.988 milhões de anos, ou seja, 99,98% desse tempo. Se, em vez disso, tomarmos como referência os três milhões de anos desde o surgimento dos primeiros seres humanos, ou seja, da espécie *Homo*, podemos afirmar o mesmo para 99,96% desse tempo. E mesmo se considerarmos apenas os 300.000 anos de existência do *Homo sapiens* comprovados até agora, podemos afirmar que: Para 96% do tempo de vida dos “seres humanos anatomicamente modernos”, não há qualquer evidência de qualquer conflito bélico. O mesmo se aplica aos neandertais, que já existiam como “espécie independente” há até 450.000 anos.^[36]

Harald Meller, Kai Michel e Carel van Schaik também afirmam que, durante esse tempo infinitamente longo, “até agora não há nenhuma evidência arqueológica de guerra ou mesmo de conflitos esporádicos entre grupos”. A arqueologia fala aqui “uma linguagem clara: do ponto de vista da história da humanidade, o massacre coletivo e organizado parece ser um fenômeno recente”.^[37]



Por que razão, perguntam o psicólogo Christopher Ryan e a psiquiatra Cacilda Jethá no seu livro *Sex. Die wahre Geschichte* (Sexo. A verdadeira história), os nossos antepassados teriam de se lançar em migrações extenuantes num planeta fértil, essencialmente desabitado^[38] e com recursos inesgotáveis^[39], para matar outras pessoas ou serem mortos? Isso se encaixa com o fato de que nas pinturas rupestres pré-históricas, agora descobertas aos milhares, não há cenas de guerra.^[40]

Somente há cerca de 7.000 anos surgiram várias valas comuns, que são amplamente consideradas pelos especialistas como evidência de massacres bélicos.^[41] As representações pictóricas mais antigas, nas quais arqueiros parecem estar em confronto hostil,^[42] são atualmente datadas de cerca de 5.000 anos.^[43]

Pode-se supor que as guerras foram principalmente resultado do surgimento de estruturas sociais autoritárias, acompanhadas por uma distribuição desigual de bens, talvez ainda mais exacerbada por

catástrofes naturais e seus diversos efeitos.^[44]

Resumindo: frases como as citadas no início, de Barack Obama ou do Instituto do Futuro (“Desde que os seres humanos existem, existem conflitos bélicos”), não são comprováveis de forma alguma e, portanto, são anticientíficas.

Quem, mesmo assim, divulga tais afirmações deve se perguntar em que base e com que motivação o faz. No caso de Obama, a ideia é óbvia: apresentar as guerras como algo profundamente humano deve ter facilitado para ele iniciar algumas sem ter remorso.

Da mesma forma, deve ser conveniente para os atuais defensores da guerra nos governos e na mídia de massa apontar uma suposta disposição inerente em nós para destruir e matar, ou mesmo *prazer* nisso, a fim de tornar palatável a “capacidade bélica” que eles almejam, seguindo o lema: “Vocês querem isso mesmo!”

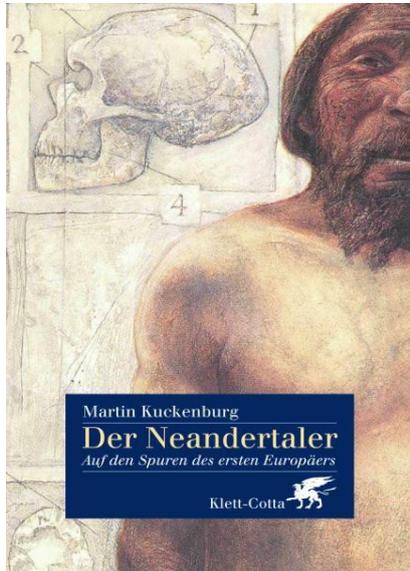
Basicamente, quem acredita na natureza destrutiva do ser humano poupa-se à irritante questão de saber o que torna as pessoas “más”.

Limites do conhecimento

A falta de possibilidades de avaliação objetiva da história da humanidade primitiva significa, naturalmente, que também não podemos provar um início totalmente *pacífico* da humanidade, nem um estado inicial paradisíaco, comunista ou matriarcal. Em 1996, após pesquisas minuciosas, as arqueólogas Brigitte Röder, Juliane Hummel e Brigitta Kunz chegaram à conclusão de que o matriarcado “não pode ser comprovado nem refutado com fontes arqueológicas. Um dos maiores problemas da arqueologia é que, até hoje, ela não tem uma chave para o mundo de pensamentos das sociedades do passado”.^[45]

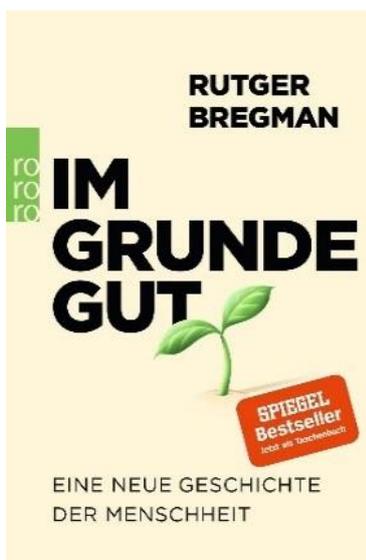
Para os últimos 50.000 anos, pinturas rupestres e representações figurativas – que precisam ser interpretadas – oferecem insights sobre esse mundo de pensamentos. No entanto, uma “chave” mais confiável só foi desenvolvida com a possibilidade de registrar linguagens escritas de forma duradoura, por exemplo, como a escrita cuneiforme – ou seja, há cerca de 5.000 anos.^[46]

O fato de que mesmo essa chave não é exatamente definida, que as tradições escritas são frequentemente falsas, distorcidas e quase sempre incompletas, é já referido na frase justificada de que a história é escrita pelos *vencedores*. No famoso caso da Ilha de Páscoa, foram os conquistadores e traficantes de escravos que atribuíram aos nativos locais a destruição que eles próprios causaram e iniciaram.^[47]



Difamações de culturas “primitivas” são frequentemente encontradas na interpretação da história. Assim, os neandertais eram e ainda são, em parte, descritos como “alienígenas musculosos, mentalmente limitados e dificilmente superáveis em estupidez e falta de cultura”^[48] – embora inúmeras descobertas comprovem há muito tempo que essa espécie humana, extinta há apenas cerca de 40.000 anos, era igual ao *Homo sapiens* em todos os aspectos essenciais, igualmente “humana” e, em alguns casos, se misturou com ele através da reprodução.^[49] Hannes Stubbe observa: Mesmo que seja “difícil para alguns cientistas admitir, hoje temos que aceitar o homem de Neandertal como um ser humano completo, com todas as funções, forças e competências intelectuais, psíquicas e sociais [...]”.^[50] Além disso, os neandertais tinham um cérebro maior do que o nosso...^[51] Martin Kuckenburg, em várias publicações, fez justiça ao neandertal como o “primeiro europeu”.^[52]

Em relação ao tema “aptidão para a guerra”, vale a pena destacar mais dois exemplos de distorção da realidade. Apenas uma manipulação de dados flagrante, entretanto detalhadamente revelada,^[53] permitiu ao psicólogo Steven Pinker afirmar que, no passado, “a violência coletiva [...] sempre existiu em todos os lugares”^[54] – e, a partir disso, idealizar as estruturas sociais burguesas capitalistas.^[55] O antropólogo Napoleon Chagnon^[56] agiu de forma particularmente descarada quando, em 1964, ofereceu machados e facões ao povo Yanomami para, com base nisso e em várias declarações falsas, afirmar em best-sellers que eles eram extremamente violentos. Em 1995, os Yanomami proibiram-no de entrar no seu território devido às suas calúnias persistentes.^[57] Mas Chagnon, e Pinker, continuam a ser considerados testemunhas de peso da brutalidade dos povos indígenas e da maldade congênita.



O historiador Rutger Bregman reuniu exemplos da falsidade da “narrativa padrão” do “selvagem mau”, que só uma civilização “boa” (ocidental) pode tornar socialmente aceitável, e examinou criticamente experiências, pesquisas e publicações supostamente científicas sobre a imagem do ser humano.

Ele chega à conclusão de que o ser humano é – assim como o título de seu livro – “fundamentalmente bom”.^[58]

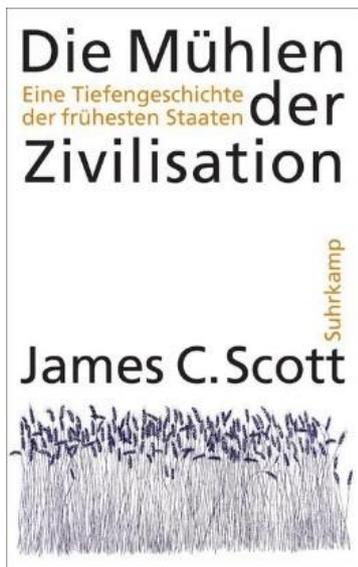
A falta de dados sérios sobre a (pré)história da humanidade significa que não podemos responder à pergunta se nascemos guerreiros? Sim, podemos.

Uma predisposição inata para a guerra e para matar teria de se manifestar sempre e em todos os lugares – nem que fosse apenas pelo fato de ter de ser permanentemente reprimida. Para rejeitar como inadmissível a afirmação de que somos guerreiros natos, basta provar que também foi ou é possível ser diferente. Nos últimos milênios, isso é perfeitamente possível.^[59]

Caçadores e coletores

Em relação aos nossos antepassados mais próximos, que eram caçadores e coletores – frequentemente designados como “caçadores-coletores” –, Harald Meller, Kai Michel e Carel van Schaik defendem que devemos “enterrar o preconceito que remonta a Thomas Hobbes,^[60] segundo o qual a vida deles teria sido “solitária, miserável, repugnante, animalesca e curta”.^[61] Aparentemente, eles eram maiores “do que o ser humano médio atual” e sua expectativa de vida poderia ter sido de 70 a 90 anos, segundo Christopher Ryan e Cacilda Jethá. O antropólogo Robert Edgerton também acredita que, na Europa, “as populações urbanas só alcançaram a longevidade dos caçadores e coletores por volta de meados do século XIX ou mesmo do século XX”.^[62] Esses nômades eram aparentemente “perfeitamente adaptados aos seus habitats” e provavelmente não tinham motivos para entrar em conflito por falta de recursos.^[63]

Isso também é indicado pelas pesquisas sobre “148 eventos agressivos mortais” em 21 comunidades de caçadores-coletores antigas e mais próximas do presente, realizadas pelo antropólogo Douglas P. Fry em colaboração com o filósofo Patrik Söderberg.^[64] Eles resumem seus resultados da seguinte forma: O pano de fundo dessas mortes era geralmente um motivo pessoal, como ciúme ou vingança, raramente uma rivalidade familiar e ainda “muito mais raramente” um conflito “entre comunidades políticas ou guerra”. Em cerca de metade das comunidades, não houve “nenhum evento mortal envolvendo mais de um agressor”.^[65]



As sociedades de caçadores-coletores não existiram apenas *antes*, mas *juntamente* com os Estados fundados pela primeira vez há cerca de 6.000 anos.^[66] Como James C. Scott mostra em seu livro *Die Mühlen der Zivilisation* (Os moinhos da civilização),^[67] essa coexistência se deveu, entre outras coisas, ao fato de que a vida de caçador-coletor continuava sendo uma alternativa atraente à vida sedentária. Isto porque, nas aldeias fortificadas, a expectativa e a qualidade de vida, na maioria dos casos, não aumentaram inicialmente, mas sim diminuíram. Entre outras coisas, porque a convivência próxima entre as pessoas e com os animais domésticos causava epidemias e porque agora era necessário obter tudo o que era necessário para a vida principalmente no mesmo local. Mas mesmo nas grandes cidades que se formavam havia exemplos de convivência pacífica. Um desses assentamentos era Catal Hüyük (ou Çatalhöyük), na Anatólia,^[68] que existiu por cerca de 1.500 anos, a partir de aproximadamente 7.400 a.C., ocupava uma área de até 13

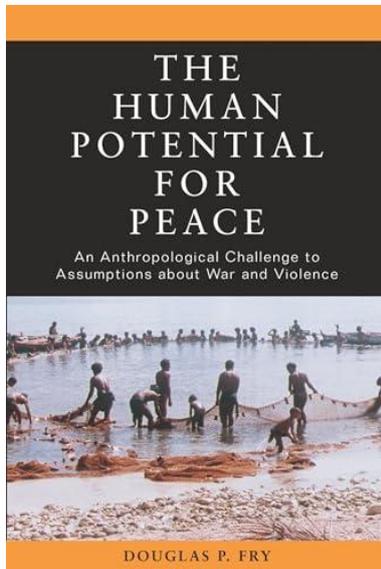
hectares e tinha vários milhares de habitantes. O acesso a alimentos e bens materiais parecia ser distribuído de forma bastante igualitária, não havendo indícios de uma autoridade central, muito menos de opressão, nem de crimes violentos ou lutas mortais.

No entanto, apenas 5% dessa colônia foram explorados arqueologicamente até o momento.^[69] Ainda assim, isso é um forte indício de que as guerras NÃO são uma constante da humanidade. Pesquisas etnológicas que se estendem até os dias atuais também *provam* que representantes do Homo sapiens podem conviver bem por muito tempo.

Aprendendo com as sociedades mais pacíficas

Em 2021, Douglas P. Fry, que há muito pesquisa as oportunidades para a manutenção da paz^[70], e o psicólogo social Peter T. Coleman apresentaram em um artigo seu “Projeto Paz Sustentável” (Sustaining Peace Project)^[71]. Desde 2014, seu grupo de psicólogos, antropólogos, filósofos, astrofísicos, cientistas ambientais e políticos, especialistas em informação e comunicação se empenha

em “uma compreensão mais abrangente e precisa da paz duradoura”. Contrariamente ao que é habitualmente apresentado nos meios de comunicação social, escrevem Coleman e Fry, existem ainda hoje inúmeras sociedades que vivem em paz dentro das suas fronteiras e com os seus vizinhos “há 50, 100 ou mesmo várias centenas de anos”. Isso refuta a “convicção de que os seres humanos são programados por natureza para a guerra”.^[72] Entre os exemplos citados, eles mencionam as dez tribos vizinhas na bacia superior do rio Xingu, no Brasil, os cantões suíços e a união dos iroqueses.



Eles conseguiram identificar os seguintes fatores como particularmente promotores da paz: uma identidade comum superior/atividades e instituições coletivas que unem/normas, valores, rituais e símbolos contra a guerra/uma “linguagem da paz” nos meios de comunicação de massa, quando existentes/políticos, empresários, clérigos e ativistas que contribuem para desenvolver e realizar uma visão de paz.^[73]

Isso levanta a questão do que existe hoje na Alemanha ou na UE. Coleman e Fry também classificam esta última como uma sociedade pacífica. Mas o seu artigo data ainda de 2021...

Para aprofundar o tema, o site do Sustaining Peace Project^[74] sugere a leitura do livro de Fry: *The Human Potential for Peace*.

Anatomia da destrutividade humana

Já em 1973, o psicanalista e pesquisador social Erich Fromm compilou relatórios sobre diferentes etnias e a qualidade de suas relações sociais. Em sua obra pioneira Anatomia da Destrutividade Humana,^[75] ele afirma que, ainda na segunda metade do século XX, existiam sociedades estáveis, pacíficas, muitas vezes matriarcais, nas quais não havia necessidade de reprimir um suposto instinto assassino.^[76] Fromm resume:

„Embora observemos em todas as culturas que os seres humanos se defendem contra ameaças à sua vida lutando (ou fugindo), a destrutividade e a crueldade são tão mínimas em tantas sociedades que essas grandes diferenças não poderiam ser explicadas se estivéssemos lidando com uma paixão 'innata'.”^[77]

O livro de Fromm oferece, além disso, a compilação mais abrangente que conheço de argumentos da psicanálise, psicologia (social), paleontologia, antropologia, arqueologia, neurofisiologia, psicologia animal e história que defendem uma tendência inata do ser humano para a cooperação e a pacificidade.

Gostaria apenas de destacar alguns dos pontos que estão diretamente relacionados com o nosso tema:

- A agressão em si, derivada do latim “aggrederere” = dirigir-se a alguém ou algo, atacar algo, não é apenas algo ruim, mas uma parte saudável e essencial do nosso repertório de ações. Somente com sua ajuda é possível estabelecer limites, impor-se, afirmar-se e defender-se. Já no início da nossa vida, precisamos dessa capacidade para empurrar o útero e nascer. Tanto os animais quanto os seres humanos possuem a capacidade de ser agressivos de forma saudável nesse sentido. Ela está sempre ligada a situações ameaçadoras ou desafios. As suposições de um *instinto de agressão* (Konrad Lorenz) ou mesmo de um instinto de morte (Sigmund Freud) são especulações infundadas.^[78]



- Em determinadas circunstâncias, o comportamento agressivo também pode estar associado à destruição, por exemplo, quando um leão mata uma antílope ou quando os seres humanos matam em legítima defesa. Mas, tanto nos animais como nos seres humanos psicologicamente saudáveis, essa destruição nunca é um fim em si mesma.

- Nem os animais nem os seres humanos psicologicamente saudáveis se comportam de forma sádica, deliberadamente hostil à vida ou brutalmente prazerosa. Apenas pessoas destrutivas e, por isso, gravemente perturbadas psicologicamente querem a guerra.

- O ser humano é capaz de antecipar mentalmente ameaças vitais reais e irreais, meramente sugeridas. Também estas últimas podem desencadear nele agressão ou destruição com base biológica, que servem à preservação da espécie ou à autopreservação. Isso foi – e continua sendo – amplamente utilizado pelas elites do poder para gerar disposição para a guerra em massa.

- Uma existência considerada significativa, relações interpessoais satisfatórias, mas também uma psicoterapia profunda podem ajudar a amenizar ou curar os efeitos da socialização que leva à destrutividade.^[79]

Se nascemos como potenciais assassinos também pode ser verificado com base em histórias de vida individuais. As biografias de pessoas que cometeram crimes graves, como incitar guerras e assassinatos em massa, são predestinadas para isso.

Goebbels

Joseph Goebbels,^[80] nascido em 1897, tornou-se ministro da Propaganda nazista e um dos principais responsáveis pela propaganda de guerra antijudaica, anticomunista e antisoviética do Estado nazista. Entusiasta na infância e na juventude, Goebbels escrevia poemas, peças de teatro e peças para piano, lia Gottfried Keller, Theodor Storm, Schiller e Goethe, entre outros, apaixonava-se e sonhava com uma vida cheia de amor e reconhecimento. O fato de essa esperança ter fracassado visivelmente teve a ver com o pé torto que ele tinha desde criança, ou melhor, com as reações negativas a essa deficiência. Para seus pais católicos rigorosos, era uma “maldição” que era melhor negar. Entre parentes e colegas de escola, isso provocava repulsa e até aversão, mais tarde também em algumas mulheres por quem ele se interessava.

Com o tempo, o amor não correspondido por outras pessoas foi substituído pela pátria como objeto de substituição. Mas ainda em 1919, quando era um jovem de 22 anos com tendências nacionalistas, Goebbels candidatou-se com sucesso a um doutorado com um professor judeu e considerou-o “um homem extremamente amável” e “atencioso”.^[81] Em 1920, ele refletiu sobre a revolta popular “de esquerda” inicialmente vitoriosa na Alemanha Ocidental contra os Freikorps reacionários e a Reichswehr da seguinte forma: “Revolução vermelha na região do Ruhr [...]. Estou entusiasmado à distância”.^[82]

Em busca de um “gênio” que pudesse redimir a si mesmo e à Alemanha, ele ouviu falar de Adolf Hitler pela primeira vez em 1921 – e ficou desapontado. Ele rimou: “Quando vejo uma suástica, já fico com vontade de cagar.”^[83]

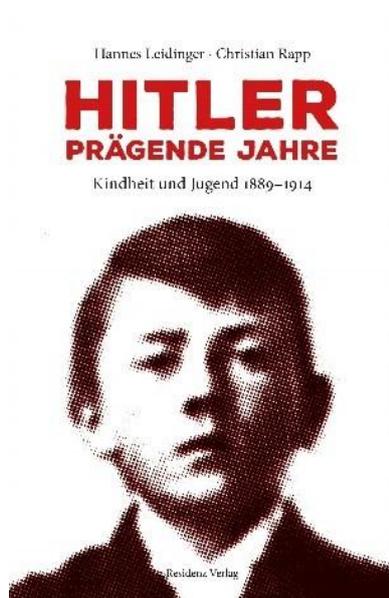
No entanto, frustrações profissionais e pessoais, desemprego, fome e insegurança existencial se seguiram,^[84] e os problemas emocionais se acumularam: sentimentos de futilidade, pensamentos suicidas, abuso de álcool e colapsos nervosos. Agora, ele alternava entre “fases de profunda depressão” e “explosões de vontade fanática”.^[85]

Em 1922, ele descobriu que sua noiva era “meia judia”. Embora irritado, ele não terminou o relacionamento inicialmente.^[86] Em 1924, ele ainda conseguia ver aspectos positivos em “O Capital”, de Karl Marx.^[87]

Mas, aos poucos, ele ficou completamente fascinado pela ideologia nacional-socialista e pelo culto ao líder, principalmente porque isso lhe permitia reprimir seus sentimentos de inferioridade e depressão. Agora, como ele mesmo escreveu, “no céu, uma nuvem branca formava uma suástica”.^[88] O seguidor incondicional de Hitler estava pronto.

No entanto, esse processo durou quase 30 anos.

Hitler



Difícilmente existe alguém sobre quem se tenha publicado tanto quanto sobre Adolf Hitler. Em 2020, foi lançado um livro que reúne o estado atual do conhecimento sobre sua infância e juventude: *Hitler – Prägende Jahre* (Hitler – Anos Marcantes).^[89]

Mais uma vez, podemos concluir que o Hitler adolescente era claramente cada vez mais marcado por problemas de autoestima compensados por ideias de grandeza; sua obstinação, teimosia e agressividade verbal também aumentaram. No entanto, isso não era surpreendente nem incomum na época, em que as crianças e os jovens eram tratados de forma brutalmente opressiva, à qual ele também estava sujeito.

Além disso, Hitler conseguiu manter por muito tempo um outro lado, a saber, a capacidade de vibrar emocionalmente. O médico judeu Eduard Bloch, que tentou em vão salvar a mãe do então Hitler, de 18 anos, da morte por câncer, descreveu décadas depois como percebeu o filho no dia da morte da mãe:

“Adolf, cujo rosto mostrava o cansaço de uma noite sem dormir, estava sentado ao lado de sua mãe. Para guardar uma última lembrança dela, ele a desenhou [...]. Em toda a minha carreira, nunca vi ninguém tão destruído pela dor como Adolf Hitler. [...] Ninguém naquela época poderia imaginar que ele se tornaria a personificação de toda a maldade.”^[90]

Nem mesmo Goebbels ou Hitler podem ser acusados de terem nascido monstros, de terem recebido “aptidão para a guerra” no berço.

Aliás, ocasionalmente, também é possível encontrar esperança ao se ocupar com soldados. O especialista militar norte-americano Dave Grossman comprova que “o maior desafio dos exércitos é superar a relutância dos soldados em matar outras pessoas”. A “inibição de matar” só pode ser superada por meio de “treinamento intensivo e específico”. Na Segunda Guerra Mundial, os soldados americanos estavam tão pouco preparados para matar “que apenas 15 a 20% dos soldados de infantaria chegaram a disparar”.^[91]

Conclusão

1) A afirmação de que os seres humanos sempre fizeram guerra carece de qualquer base científica, é pouco séria e enganosa.

2) A questão de saber se somos “guerreiros natos”, se a “aptidão para a guerra” faz parte da natureza humana, pode muito bem ser investigada cientificamente – e respondida com um claro NÃO.

Quem tem filhos ou contato intenso com crianças pequenas pode refletir se percebe essas crianças como agressivas ou destrutivas sem motivo — como “guerreiros natos” com disposição para matar. Existem hoje inúmeras descobertas de várias áreas da ciência que comprovam que nascemos com o potencial para o comportamento pró-social, para o amor, a amizade, a cooperação e a pacificidade.^[92] E esse potencial anseia por se realizar! Mesmo os políticos que hoje provocam guerras e assassinatos em massa, e mesmo aqueles que cometem esses assassinatos, nasceram há alguns anos como pessoas boas.

Em outras palavras: todos nós temos todas as condições necessárias para sermos pessoas boas dentro de uma boa sociedade.

Com base nisso, é possível fazer uma especulação plausível sobre os primórdios da humanidade. Uma tese hoje aceita por muitos cientistas é a de que todos os representantes do Homo sapiens — incluindo os neandertais — possuem uma “unidade psíquica”. Em outras palavras: desde que os seres humanos “modernos” existem, eles possuem disposições psíquicas semelhantes. Graeber e Wengrow^[93] escrevem que “uma pessoa que vive caçando elefantes ou coletando botões de lótus pode ser tão analítica, crítica, cética e criativa quanto alguém que ganha a vida como motorista, dono de restaurante ou diretor de um departamento universitário”.

Portanto, pode-se supor que nossos ancestrais distantes também não eram tão belicosos quanto somos desde o nascimento.

E hoje?

Se existe em nós o potencial para sermos boas pessoas em uma boa sociedade, por que esse potencial *não* se desenvolve?

Porque não vivemos em uma boa sociedade.

As crianças não têm, de forma alguma, menos valor do que os adultos. No entanto, em comparação com estes últimos, elas têm poucas oportunidades de determinar suas próprias condições de vida. Em um mundo como o nosso, marcado por hierarquias autoritárias, exploração, opressão, controle familiar e estatal e destruição ambiental, há pouco espaço para o desenvolvimento de crianças psicologicamente saudáveis.

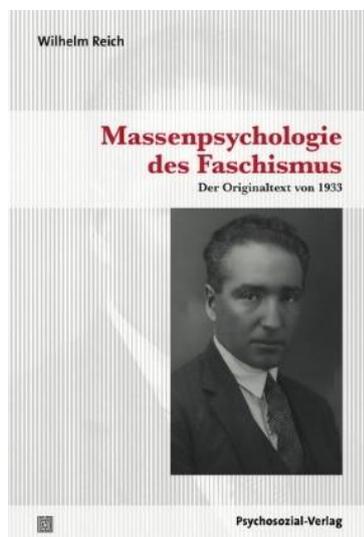
O sofrimento e as privações que isso lhes causa, bem como as suas necessidades muitas vezes insuficientemente satisfeitas, provocam tristeza, dor e raiva — que, em regra, não podem ser expressas adequadamente aos seus educadores. Por isso, acumulam-se até atingirem proporções destrutivas — o que mais tarde é reforçado por humilhações na escola, na formação, na esfera profissional e no trabalho. Como esses sentimentos reprimidos também não podem ser expressos oficialmente — a menos que se seja soldado, por exemplo —, eles ficam escondidos atrás de uma fachada de adaptação social, polidez e gentileza. Assim surge — ainda hoje — o “caráter autoritário”, que se curva para cima e pisa para baixo.^[94]

E isso tem consequências altamente preocupantes para toda a estrutura social. As emoções destrutivas não estão apenas permanentemente presentes de forma subliminar; elas também podem surgir a qualquer momento, quando se apresenta uma oportunidade. Isso é ainda mais fácil quando a mídia e a política fornecem como alvos os socialmente mais fracos ou “estrangeiros” demonizados.

No passado, na Alemanha, eram os judeus, os comunistas e os russos – e atualmente são novamente os russos e, em breve, provavelmente também os chineses.^[95]

Desta forma, ou seja, através da socialização em massa de estruturas psíquicas destrutivas e da manipulação mediática, tentou-se e continua-se a tentar treinar as pessoas para a “aptidão para a guerra”. Quanto mais agressivos e com baixa autoestima somos tornados, mais úteis somos para todos os tipos de fins destrutivos – sejam eles disfarçados por ideologias nacionalistas, neofascistas, fundamentalistas, imperialistas, destruidoras do meio ambiente, misóginas, homofóbicas ou xenófobas.

Se for oferecida uma válvula de escape para a raiva explosiva acumulada em massa, as mentalidades são intercambiáveis: o terror e o assassinato podem ser cometidos tanto com o álibi da ideologia “direitista” quanto da “esquerdista”, em nome de Deus, para a salvação de Alá, em favor de uma ditadura ecológica ou – como atualmente – como parte da felicidade mundial “baseada em regras” do neoliberalismo ocidental.



O psicanalista Wilhelm Reich descreveu esse processo fundamental em 1933, em sua obra *Psicologia de Massas do Fascismo: a repressão das crianças as torna “medrosas, tímidas, temerosas da autoridade, bem-comportadas no sentido burguês e educáveis”*. As crianças passam primeiro pelo “mini-estado autoritário da família, [...] para mais tarde serem capazes de se integrar no quadro social geral”.

A energia vital reprimida, que após sofrer esse processo educacional não consegue mais ser liberada de forma natural, busca válvulas de escape, flui para a agressividade natural e a intensifica, transformando-a em “sadismo brutal, que constitui uma parte essencial da base psicológica de massa da guerra encenada por alguns poucos com interesses imperialistas”. O indivíduo assim deformado psicologicamente “age, sente e pensa” contra os seus próprios interesses de vida.^[96]

Desta forma, somos transformados em “guerreiros”.

Mas como é da nossa natureza sermos pacíficos, solidários e pró-sociais – não podemos ser “humanos” sem outras pessoas, nem mesmo no início da nossa vida –, sermos condicionados a ser “aptos para a guerra” nos deixa doentes.

Alternativas, perspectivas

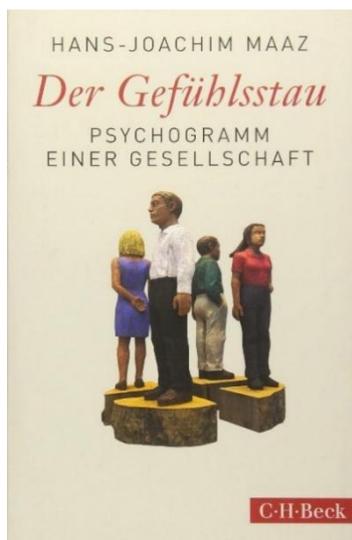
Resta a pergunta: o que precisa acontecer para que as pessoas voltem a ser tão pacíficas como aparentemente nascem – ou, melhor ainda, para que possam permanecer assim?

Como já me pronunciei várias vezes sobre o assunto,^[97] serei muito breve.

Continuamos a precisar de uma revolução nas relações econômicas e políticas, de uma saída da nossa estrutura social neoliberal-capitalista cada vez mais destrutiva. No entanto, isso por si só não é suficiente, como demonstrou, em particular, a experiência fracassada do “socialismo real”. É necessária uma revolução *psicossocial*.

Wilhelm Reich resumiu em 1934 a relação subjacente a isso:

“Se tentarmos mudar apenas a estrutura das pessoas, a sociedade resistirá. Se tentarmos mudar apenas a *sociedade*, as pessoas resistirão. Isso mostra que nenhuma das duas coisas pode ser mudada isoladamente.”^[98]



Para o nosso presente, isso poderia ser concretizado da seguinte forma: os adultos deveriam – não menos importante, utilizando conhecimentos psicoterapêuticos – trabalhar seus distúrbios psíquicos socializados e, ao mesmo tempo, garantir que seus filhos e netos não desenvolvam esses distúrbios.

O psicanalista Hans-Joachim Maaz introduziu – entre outros, em seu livro *Der Gefühlsstau*^[99] – um conceito correspondente de “cultura terapêutica” na transição da RDA e, desde então, o desenvolveu para “cultura de relacionamento”^[100].

Acompanhar as crianças com amor na vida, buscar ativamente parcerias boas e igualitárias, uma sexualidade plena e saúde mental, denunciar normas autoritárias e hostis à vida ou mesmo incitando à guerra na família, na escola, no trabalho, na mídia, na igreja, na política e no Estado, e procurar pessoas com ideias semelhantes com as quais se possa resistir a elas – tudo isso ganhou ainda mais

importância e relevância desde então.^[101]

A descrição mais concisa do objetivo de longo prazo de tais esforços vem de Erich Fromm: uma “sociedade saudável”, “na qual ninguém mais precisa se sentir ameaçado: nem a criança pelos pais; nem os pais por aqueles que estão acima deles; nenhuma classe social por outra; nenhuma nação por uma superpotência”.^[102]

Notas e fontes

[1] Uma versão anterior deste artigo foi publicada em 2023 no meu site e em 2025 no *apolut* (<https://apolut.net/sind-wir-geborene-krieger/>). A revisão do meu artigo foi significativamente influenciada pela troca produtiva com o pré-historiador e cientista cultural Martin Kuckenbug.

Como aqui recorro a diferentes áreas científicas para as quais não tenho qualificação específica e utilizo principalmente fontes secundárias, recomendo que se forme uma opinião própria com a ajuda dos livros mencionados no texto e que procure regularmente atualizações na Internet, especialmente sobre achados arqueológicos.

[2] https://de.wikipedia.org/wiki/Krieg#Ebenen_der_Kriegsf%C3%BChrung.

[3] “A guerra é pai de todos, rei de todos. Uns ela torna deuses, outros homens; uns escravos, outros livres” (<https://de.wikipedia.org/wiki/Heraklit>).

[4] “Mostrarei primeiro que a condição dos homens sem sociedade civil (condição que pode ser chamada de estado de natureza) não é outra senão uma guerra de todos contra todos; e que, nessa guerra, todos têm direito a tudo” (https://de.wikipedia.org/wiki/Bellum_omnium_contra_omnes).

[5] Sigmund Freud (1930) [1929]: O desconforto na cultura, em: GW Volume 14, Fischer, pp. 419–506, aqui p. 471. Sobre o fato de Freud se referir indevidamente a Hobbes e difamar os lobos, ver: <https://andreas-peglau-psychoanalyse.de/der-mensch-ist-dem-menschen-kein-wolf-ueber-eine-eklatante-freudsche-fehlleistung/>.

[6] Desde maio de 2016, Obama era “o presidente dos EUA com mais dias de guerra”. Sob seu governo, os EUA travaram “um total de 2.663 dias de guerra” (<https://www.spiegel.de/panorama/krieg-barack-obama-ist-der-us-praesident-mit-den-meisten-kriegstagen-a-00000000-0003-0001-0000-000000567071>). Além disso, “as mortes por drones se tornaram doutrina de Estado, e todas as semanas ele assinava a chamada ‘lista de alvos a abater’” (<https://www.deutschlandfunkkultur.de/drohnenkrieg-obamas-toedliches-erbe-100.html>), que vitimou milhares de pessoas inocentes – como “danos colaterais”.

[7] <https://www.welt.de/politik/ausland/article5490579/Seine-Rede-zum-Friedensnobelpreis-im-Wortlaut.html>.

[8] <https://www.zukunftsinstitut.de/artikel/warum-gibt-es-noch-immer-kriege/> Não consegui encontrar este artigo na nova versão do site do instituto em março de 2025.

[9] Ibid.

[10] Martin Kuckenbug (1993): Assentamentos pré-históricos na Alemanha, 300.000 a 15 a.C., Dumont, p. 10.

[11] <https://de.wikipedia.org/wiki/Menschenaffen#Entwicklungsgeschichte>. Em

<https://de.wikipedia.org/wiki/Hominisation>, fala-se de cinco a sete milhões de anos, em

https://de.wikipedia.org/wiki/Stammesgeschichte_des_Menschen, são mencionados 7,9 milhões de anos. É muito especulativo tentar tirar conclusões sobre as disposições psicossociais dos seres humanos atuais a partir do comportamento dos chimpanzés (e bonobos) atuais: Em seis milhões de anos de evolução independente, muita coisa pode ter mudado em ambas as espécies. O antropólogo R. B. Ferguson pesquisou estudos que atribuem aos chimpanzés atuais o comportamento de “macacos assassinos” – o que muitas vezes é interpretado como uma herança da humanidade. Resultado: das 27 mortes entre indivíduos da mesma espécie registradas ou suspeitas em 18 locais de pesquisa com chimpanzés “em um total de 426 anos de observação de campo”, “15 ocorreram em apenas duas situações altamente conflituosas [...]”. Os 417 anos restantes de observação resultam em uma média de apenas 0,03 mortes por ano”. Além disso, Ferguson considera provável que esses conflitos com desfecho fatal “não sejam uma estratégia evolutiva, mas uma reação à intervenção humana” no habitat dos chimpanzés (<https://www.scientificamerican.com/article/war-is-not-part-of-human-nature/> tradução A.P. Cf. Martin Kuckenbug, 1999: Lag Eden im Neandertal? Em busca dos primeiros homens, Econ, p. 154 e seguintes).

[12] https://de.wikipedia.org/wiki/Stammesgeschichte_des_Menschen.

[13] https://www.mpg.de/11820357/mpi_evan_jb_2017. Mas: como existe “uma ampla variedade de variações na aparência dos humanos atuais”, “não há consenso sobre o que são os humanos ‘modernos’ e quando eles apareceram pela primeira vez nos achados fósseis” (G. J. Sawyer/ Viktor Deak: Der lange Weg zum Menschen. Lebensbilder aus sieben Millionen Jahren Evolution, Spektrum 2008, p. 174). No caso dos homínidos pré-humanos, os achados ficam cada vez mais obscuros. Muitas vezes, ossos cuja idade varia em centenas de milhares de anos ou cujos locais de descoberta estão a milhares de quilômetros de distância são reunidos para (re)construir as espécies homínidas supostas (ibid., por exemplo, p. 13 e seguintes). O muito comentado “homem de Denisova”, por exemplo, é, segundo se afirma, “comprovado com certeza”, além da análise de DNA, por um dedo da mão (idade: 48.000 a 30.000 anos), um dedo do pé (idade: 130.000 a 90.900 anos), dois molares (um com mais de 50.000 anos, outro com menos de 50.000 anos), todos encontrados na fronteira com o Cazaquistão, e por uma mandíbula desenterrada no Tibete chinês (idade: 160.000 anos) (<https://de.wikipedia.org/wiki/Denisova-Mensch>; <https://www.mpg.de/5018113/denisova-genom>).

[14] <https://www.planet-wissen.de/natur/energie/feuer/index.html>

[15] James C. Scott (2019): Die Mühlen der Zivilisation. Uma história profunda dos primeiros Estados, Suhrkamp, p. 20, cf. Hannes Stubbe (2021): Weltgeschichte der Psychologie (História mundial da psicologia), Pabst, p. 27.

[16] David Graeber/ David Wengrow (2021): Anfänge. Eine neue Geschichte der Menschheit (Começos. Uma nova história da humanidade), Klett-Cotta, p. 96, 98. Kuckenbug (como nota 11, p. 13–15) descreve de forma muito semelhante as desvantagens da arqueologia e da paleoantropologia.

[17] Harald Meller, Kai Michel, Carel van Schaik (2024): Die Evolution der Gewalt. Warum wir Frieden wollen, aber Kriege führen (A evolução da violência. Por que queremos a paz, mas fazemos guerras), dtv, p. 136.

[18] Ibid., p. 152.

[19] <https://www.sueddeutsche.de/projekte/artikel/wissen/acht-milliarden-menschheit-wachstum-e418385/>

Sobre hipóteses sobre flutuações violentas nas populações primitivas, ver:

<https://science.orf.at/stories/3221020/>.

[20] Como, com o passar do tempo, cada vez menos fragmentos de esqueletos são encontrados entre os 3.000 restos mortais, o número total não aumenta significativamente quando se vai além do círculo do Homo sapiens. Mesmo dos “muitos milhões de neandertais” que se acredita terem vivido, até agora “apenas os restos mortais de duzentos a trezentos indivíduos” foram encontrados (Rebecca Wragg Sykes, 2022: Der verkannte Mensch. Ein neuer Blick auf Leben, Liebe und Kunst der Neandertaler, Goldmann, p. 63).

[21] Graeber/ Wengrow (como na nota 16), p. 100 e seguintes. O método de datação por radiocarbono, amplamente utilizado, também funciona apenas para os últimos 60.000 anos:

<https://de.wikipedia.org/wiki/Radiokarbonmethode>.

[22] <https://science.orf.at/stories/3219658/>

[23] Ver Stubbe (como na nota 15), pp. 15–67.

[24] R. Brian Ferguson, “The Birth of War”

(https://www.naturalhistorymag.com/htmlsite/0703/0703_feature.html). Tradução A.P. Corrigido em 24/05/25.

Eu não havia incluído anteriormente as 24 vítimas de violência que Ferguson encontrou na fonte 117 (veja

abaixo). Ele escreve: “Além do local 117, apenas cerca de uma dúzia de esqueletos de Homo sapiens com 10.000 anos ou mais, entre centenas de outros de antiguidade semelhante examinados até o momento, mostram indícios claros de violência interpessoal.” Veja também Christopher Ryan/ Cacilda Jethá (2016): Sex. Die wahre Geschichte, Klett-Cotta, p. 223.

[25] https://www.researchgate.net/figure/Cranium-17-bone-traumatic-fractures-A-Frontal-view-of-Cranium-17-showing-the-position_fig4_277326376; <https://www.20min.ch/story/cranium-17-das-aelteste-mordopfer-der-geschichte-162218687169>.

[26] Meller et al (como na nota 17), p. 146.

[27] Ibid., p. 139.

[28] <https://de.wikipedia.org/wiki/Krieg>.

[29] Ibid.

[30] R. Brian Ferguson, “The Birth of War”

(https://www.naturalhistorymag.com/htmlsite/0703/0703_feature.html). Tradução A.P.

[31] <https://www.scinexx.de/news/geowissen/kein-steinzeit-krieg-in-jebel-sahaba/>.

[32] Dirk Husemann (2005): Als der Mensch den Krieg erfand, Thorbecke, p. 34.

[33] Como na nota 31.

[34] Husemann (como na nota 32), p. 34. Meller et al (como na nota 17), p. 154 e seguintes, argumentam da mesma forma.

[35] Ibid., p. 155.

[36] Wragg Sykes (como na nota 20), p. 25. Hoje, parece haver um consenso generalizado de que a tese de que o Homo sapiens exterminou os neandertais não se sustenta. Ver *ibid.*, pp. 451–454; Martin Kuckenburger (2005): Der Neandertaler. Auf den Spuren des ersten Europäers, Klett-Cotta, pp. 282–296; Meller et al (como nota 17), p. 142.

[37] Meller et al (como nota 17), pp. 146f., 162.

[38] Há 35.000 anos, estimava-se que existissem no máximo três milhões de habitantes na Terra (Scott, como na nota 15, p. 22).

[39] Ryan e Jethá (como na nota 24, p. 201) falam da “sociedade primitiva de abundância”. Isso é uma referência ao ensaio de Marshall Sahlings “The original affluent society”:

https://www.uvm.edu/~jdericks/EE/Sahlins-Original_Affluent_Society.pdf (ver também: <https://www.matthes-seitz-berlin.de/buch/die-urspruengliche-wohlstandsgesellschaft.html>). É claro que já existiam variações climáticas naquela época, que levaram, por exemplo, a eras glaciais. No entanto, isso geralmente acontecia de forma tão lenta que era possível se adaptar (Wragg Sykes, como nota 20, pp. 104–124). A suposição de uma extinção em curto prazo de quase toda a humanidade devido às consequências de uma erupção vulcânica há mais de 70.000 anos é muito controversa (<https://de.wikipedia.org/wiki/Toba-Katastrophen-theorie>).

[40] Rutger Bregman (2020): Im Grunde gut. Eine neue Geschichte der Menschheit (Fundamentalmente bons. Uma nova história da humanidade), Rowohlt, p. 115. A pintura rupestre mais antiga conhecida tem 45.000 anos (<https://de.wikipedia.org/wiki/H%C3%B6hlenmalerei>).

[41] https://de.wikipedia.org/wiki/Massaker_von_Kilianst%C3%A4dten,

https://de.wikipedia.org/wiki/Massaker_von_Halberstadt,

https://de.wikipedia.org/wiki/Massaker_von_Talheim, https://de.wikipedia.org/wiki/Massaker_von_Schletz;

<https://www.scinexx.de/news/archaeologie/war-dies-der-erste-krieg-europas/>.

[42] https://de.wikipedia.org/wiki/Felsmalereien_in_der_spanischen_Levante. Ver também Husemann (como nota 32), p. 61 e seguintes.

[43] As primeiras evidências do uso de armas para caça datam de cerca de 500.000 anos

(<https://www.spiegel.de/wissenschaft/mensch/fruehmenschen-jagten-schon-vor-500000-jahren-mit-stein-speerspitzen-a-867412.html>).

Somente lanças com 300.000 anos, encontradas em Schöningen, na Baixa Saxônia, entre os ossos de numerosos cavalos selvagens abatidos com elas, são consideradas “indubitavelmente comprovadas” como armas de caça (Martin Kuckenburger, 2022: Friedrich Engels' Frühgeschichte und die moderne Archäologie, sem local, p. 79). Mas poder caçar animais com elas não significa querer matar pessoas com elas. Em 2025, após a aplicação de um método de datação controverso, a idade das lanças foi estimada em apenas 200.000 anos (<https://www.welt.de/wissenschaft/article256093064/Archaeologie-Die-Schoeninger-Speere-sind-100-000-Jahre-juenger-mit-Folgen.html>).

[44] Cf. Scott (como nota 15), pp. 159–164.

[45] Brigitte Röder/ Juliane Hummel/ Brigitta Kunz (2001) [1996]: Göttinnendämmerung. Das Matriarchat aus archäologischer Sicht, Königshausen, p. 396. Ver também Graeber/ Wengrow (como nota 16), pp. 238–244.

- [46] Scott (como na nota 15), p. 20. Ver também https://de.wikipedia.org/wiki/Geschichte_der_Schrift. Para mais detalhes, ver: Martin Kuckenburg (2016): Wer sprach das erste Wort? Die Entstehung von Sprache und Schrift, Theiss.
- [47] Bregman (como na nota 40), pp. 139–161.
- [48] Kuckenburg (como na nota 36), p. 9.
- [49] https://de.wikipedia.org/wiki/Neandertaler#Verwandtschaft_zum_modernen_Menschen.
- [50] Stubbe (como na nota 15), p. 33.
- [51] Isso não significa necessariamente – mas pode significar – que eles eram mais inteligentes do que nós (cf. *ibid.*, p. 25).
- [52] Ver, entre outros, notas 16 e 36.
- [53] R. Brian Ferguson (2013): Pinker's List: Exaggerating Prehistoric War Mortality, em Douglas P. Fry (ed.): War, Peace, and Human Nature, Oxford University Press, pp. 112–131 (https://www.researchgate.net/publication/273371719_Pinker's_List_Exaggerating_Prehistoric_War_Mortality). Ver também Ryan/ Jethá (como nota 24), pp. 212–215 e Bregman (como nota 40), pp. 112 e seguintes.
- [54] Meller et al (como nota 17), p. 37.
- [55] <https://scilogs.spektrum.de/menschen-bilder/wird-alles-immer-besser-ein-kritischer-blick-auf-steven-pinkers-geschichtsoptimismus/>.
- [56] https://de.wikipedia.org/wiki/Napoleon_Chagnon.
- [57] Ryan/ Jethá (como na nota 24), p. 223-227; Bregman (como na nota 40), p. 111f.
- [58] Bregman (como na nota 40).
- [59] Na antropologia, devido à falta de vestígios avaliáveis da pré-história, não é raro que se tirem conclusões sobre o modo de vida dos primeiros Homo sapiens a partir de tradições dos últimos milênios ou de observações de campo de caçadores e coletores que se estendem até o presente. Mas isso também são especulações. Especialmente porque hoje em dia dificilmente existem etnias completamente isoladas do resto do mundo. Cf. Martin Kuckenburg (2022): Friedrich Engels' Frühgeschichte und die moderne Archäologie, s.l., p. 136 e seguintes.
- [60] https://de.wikipedia.org/wiki/Thomas_Hobbes.
- [61] Meller et al (como na nota 17), p. 113.
- [62] Ryan/ Jethá (como na nota 24), p. 204, 236, p. 238.
- [63] Meller et al (como na nota 17), p. 113.
- [64] https://www.researchgate.net/publication/250920560_Lethal_Aggression_in_Mobile_Forager_Bands_and_Implications_for_the_Origins_of_War.
- [65] *Ibid.*, p. 272. Tradução A.P.
- [66] <https://de.wikipedia.org/wiki/Staatsentstehung>.
- [67] Scott (como na nota 15), ver também <https://www.soziopolis.de/die-muehlen-der-zivilisation-1.html>.
- [68] <https://de.wikipedia.org/wiki/%C3%87atalh%C3%B6y%C3%BCK>.
- [69] Graeber/ Wengrow (como na nota 16), p. 236, 245ff.
- [70] <https://www.uncg.edu/employees/douglas-fry/>.
- [71] <https://sustainingpeaceproject.com/>.
- [72] https://greatergood.berkeley.edu/article/item/what_can_we_learn_from_the_worlds_most_peaceful_societies. Tradução A.P.
- [73] *Ibid.*
- [74] Douglas P. Fry (2005): The Human Potential for Peace: An Anthropological Challenge to Assumptions about War and Violence, Oxford University Press; <https://sustainingpeaceproject.com/>.
- [75] Erich Fromm (1989): Die Anatomie der menschlichen Destruktivität, in ders.: Gesamtausgabe, Bd. 7, dtv
- [76] *Ibid.*, pp. 148–262. Ainda em 1998, o atlas etnográfico registrava 160 “povos e etnias indígenas” “puramente matrilineares” – ou seja, que consideravam apenas a descendência materna. Isso representava cerca de 13% das 1267 etnias registradas em todo o mundo (<https://de.wikipedia.org/wiki/Matriarchat>).
- [77] Fromm (como na nota 75), p. 158 e seguintes.
- [78] Mais informações: https://andreas-pegiau-psychoanalyse.de/wp-content/uploads/2018/07/Mythos-Todestrieb-pid_2018_02_Pegiau.pdf.
- [79] O meu trabalho terapêutico prova constantemente que é possível que as pessoas superem influências destrutivas.
- [80] Ver Goebbels, Joseph (1992) [1990]: Tagebücher 1924-1945 em cinco volumes, ed. por Reuth, Ralf Georg, Piper; Longerich, Peter (2010): Goebbels. Biografia, Siedler; Reuth, Ralf G. (1991) [1990]: Goebbels, Piper, ver o

seguinte, em particular p. 11–75. [81] Ibid., p. 11–75. Biografia, Siedler; Reuth, Ralf G. (1991) [1990]: Goebbels, Piper, ver em particular pp. 11–75.

[81] Ibid., p. 52.

[82] Ibid., p. 47.

[83] Ibid., p. 52.

[84] Ibid., pp. 68–73.

[85] Ibid., p. 63.

[86] Ibid., p. 73.

[87] Longerich (como na nota 80), p. 58.

[88] Reuth (como na nota 80), p. 104.

[89] Hannes Leidinger/ Christian Rapp (2020): Hitler – Prägende Jahre. Kindheit und Jugend 1889–1914, Residenz. Ver também: Brigitte Hamann (1998): Hitlers Wien: Lehrjahre eines Diktators, Piper.

[90] Ibid., p. 152. Para mais detalhes: Brigitte Hamann (2010): Hitlers Edeljude: Das Leben des Armenarztes Eduard Bloch, Piper.

[91] Meller et al (como na nota 17), p. 124.

[92] Além dos livros utilizados no presente texto, ver Gerald Hüther (2003) [1999]: Die Evolution der Liebe. Was Darwin bereits ahnte und die Darwinisten nicht wahrhaben wollen, Vandenhoeck/Ruprecht; Mark Solms/Oliver Turnbull (2004): Das Gehirn und die innere Welt. Neurowissenschaft und Psychoanalyse (O cérebro e o mundo interior. Neurociência e psicanálise), Walter, p. 138 e seguintes, 148; Michael Tomasello (2010): Warum wir kooperieren (Por que cooperamos), Suhrkamp; Stefan Klein (2011) [2010]: Der Sinn des Gebens (O sentido de dar). Por que a altruísmo vence na evolução e não avançamos com o egoísmo, Fischer; Joachim Bauer (2015): Autocontrole. A redescoberta do livre arbítrio, Blessing. O documentário de Erwin Wagenhofer, publicado em 2013, *Alphabet – Angst oder Liebe* (Alfabeto – Medo ou Amor), também ilustra isso de maneira comovente (<http://www.alphabet-film.com/>).

[93] Como nota 16, p. 114 e seguintes. Ver também Bregman (como nota 40), p. 79 e seguintes.

[94] Cf.: https://duepublico2.uni-due.de/servlets/MCRFileNodeServlet/duepublico_derivate_00045266/05_Peglau_Autoritarismus.pdf.

[95] Ver também <https://andreas-peglaue-psychoanalyse.de/andreas-peglaue-utopie-oder-dystopie-zitate-und-notizen-zu-china-mai-2020-bis-oktober-2021/>.

[96] Wilhelm Reich (2020): Psicologia de massa do fascismo. O texto original, Psychosozial, p. 38, 40.

[97] Por exemplo, em Andreas Peglau (2024): Menschen als Marionetten? Como Marx e Engels reprimiram a psique real em seus ensinamentos (<https://andreas-peglaue-psychoanalyse.de/menschen-als-marionetten-wie-marx-und-engels-die-reale-psyche-in-ihre-lehre-verdraengten/>), pp. 70–74 ou aqui: <https://www.manova.news/artikel/rechtsruck-in-deutschland>.

[98] Wilhelm Reich (como na nota 96), p. 195.

[99] Ver também: <https://andreas-peglaue-psychoanalyse.de/psychische-revolution-und-therapeutische-kulturvorschlaege-fuer-ein-alternatives-leben/>.

[100] Ver: <https://hans-joachim-maaz-stiftung.de/hans-joachim-maaz/buecher-von-hans-joachim-maaz/>.

[100] Ver: <https://hans-joachim-maaz-stiftung.de/hans-joachim-maaz/buecher-von-hans-joachim-maaz/>.

[101] Ver também <https://apolut.net/im-gespraech-andreas-peglaue/>.

[102] Erich Fromm (como na nota 75), p. 395.

Última consulta das fontes da Internet: 14.5.2025

Por favor, cite como

Andreas Peglau (2025): Não nascemos guerreiros. Sobre os pressupostos psicossociais da pacificidade e da “aptidão para a guerra” (<https://andreas-peglaue-psychoanalyse.de/wir-sind-keine-geborenen-krieger-zu-psychosozialen-voraussetzungen-von-friedfertigkeit-und-kriegstuechtigkeit/>)

Tradução para o português brasileiro.

É expressamente desejável que este artigo seja transmitido e divulgado para fins não comerciais. Licenciado sob uma licença Creative Commons ([Atribuição - Não comercial - Sem edições 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), CC BY-NC-ND 4.0).